

O conceito de gênero opera na psicanálise?

MARTA QUAGLIA CERRUTI

RESUMO: Esse artigo procura problematizar a aplicação do conceito de gênero em psicanálise. Afinal, trata-se de um conceito que pode ou não operar em nosso campo? Para tanto, ele inicia com um panorama bastante breve do que vem a ser o conceito de gênero, enfatizando mudanças políticas importantes que ele promove no corpo social, para posteriormente discutir a maneira pela qual Freud aborda a questão da diferença entre os sexos. Por fim, procura apontar como Lacan, a partir do texto freudiano, promove uma subversão radical ao tomar o sexo em sua posição discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Psicanálise; Sexualidade; Falo.

SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

Podemos resumir, de forma um tanto genérica, que os principais fenômenos que vêm construindo uma mudança na visão da diferença entre os sexos são: a crise da família burguesa nuclear (monoparental e heterossexual); a entrada da mulher no mercado de trabalho; a separação da sexualidade da reprodução - sobretudo para a mulher após o advento de métodos contraceptivos; e uma política de visibilidade de novas sexualidades. São situações que vêm promovendo o deslocamento da fronteira, homem pertencente ao espaço público; mulher pertencente ao mundo privado, que vêm configurando novos

Psicóloga/Psicanalista, Mestre e Doutora pelo Instituto de Psicologia Clínica da USP, membro do Laboratório Psicanálise e Sociedade USP/PUC, professora e membro do Departamento Formação em Psicanálise do Sedes

territórios para pensar a sexualidade.

Em seu livro *A era dos extremos - O breve século XX* (1995), o historiador Eric J. H. Hobsbawm coloca a questão da emancipação feminina, lado a lado com as grandes guerras e as revoluções ocorridas no último século, como um dos fatos históricos mais significativos para transformações tanto no ambiente doméstico como no campo político e econômico. Nas palavras de Hobsbawm:

O que mudou na revolução social não foi apenas a natureza das atividades da mulher na sociedade, mas também os papéis desempenhados por elas ou as expectativas convencionais do que devem ser estes papéis. São inegáveis os sinais de mudanças significativas, e até mesmo revolucionárias, na expectativa das mulheres sobre elas mesmas e nas expectativas do mundo sobre o lugar delas na sociedade. (HOBSBAWM, E.J.H., 1995, p.307)

E muito se passou desde que Simone de Beauvoir (1957) declarou em seu célebre livro *O segundo sexo* que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, abrindo um campo fértil de discussões ao problematizar que os valores atribuídos ao sexo não devem ser considerados inatos, mas sim fruto de elaborações culturais. Sobre esse pano de fundo as teorias do construtivismo social vão ganhando força e importância política.

O campo construcionista se define por parâmetros que visam buscar o sentido das práticas sexuais, antes de atribuir-lhes um sentido prévio. E os estudos elaborados neste campo acentuam a necessidade de que seja feita uma análise sobre as relações de gênero que contemple os personagens e os contextos em que se atualizam tais relações (BARBIERI, 1990; GREGORI, 1993; MOORE, 1997; PAIVA, 1994.). Partindo do pressuposto de que a sexualidade deve ser entendida como uma atividade social, e não como fruto de uma modalidade instintiva, os autores buscam desvendar as conexões históricas, as crenças e os discursos que reforçam ou estigmatizam práticas sexuais.

A partir de estudos da Antropologia e do movimento feminista inicia-se uma revisão crítica sobre as bases biológicas da sexualidade. O estudo de diferentes culturas denuncia que atos físicos idênticos possuem

significados diferentes. Ainda aqui cabe ressaltar que até mesmo no interior de uma mesma cultura aparecem significados distintos para uma mesma prática sexual, revelando, segundo Weeks (1996, p.31), “um espelho de nossa própria transitoriedade”. O movimento feminista, por sua vez, questiona a subordinação da mulher atrelada à sexualidade, buscando desconstruir teorias que apontam a reprodução como o motivo da condição inevitável da subordinação feminina, que relega a mulher ao espaço doméstico. Somam-se aqui os esforços dos movimentos homossexuais, que ao longo dos últimos anos têm colocado em debate supostas certezas acerca do comportamento sexual.

É a partir desta revisão crítica de uma postura essencialista, que se ancora no pressuposto de que o corpo expressa, em si, uma verdade sobre a sexualidade, que as teorizações sobre gênero ganham força. A categoria gênero deve ser entendida como os significados históricos atribuídos à sexualidade e ao corpo, reforçando as origens sociais dos sujeitos sexuados. Nesse sentido, Rubin (1975) propõe a distinção de sexo e gênero como dois campos distintos, embora entrelaçados em alguns momentos. Esse entrelaçamento é condicionado historicamente, culturalmente, ideologicamente. A autora define o que denomina “sistema sexo-gênero” e justifica a distinção entre esses dois termos por entender que a sexualidade biológica é transformada em produto da atividade humana a partir da incidência de um conjunto de prescrições culturais. Para a autora, o sistema de parentesco se configura como a forma empiricamente observável do “sistema sexo-gênero”.

Moore (1997) propõe uma distinção entre **Sexo, sexo e gênero**, indicando que insistir na separação sexo - gênero obscurece um debate que considera mais fecundo: a análise de práticas discursivas e seus efeitos sobre os corpos. Define **Sexo** como um complexo de crenças, práticas discursivas culturalmente específicas, que atribuem significados às partes do corpo. O que a autora define como Sexo se configura, então, como uma prática discursiva que visa a categorizar diferenças de corpos e partes destes, tais como fluidos, uso e função dos genitais. Ou seja, trata-se de um discurso específico - histórica e culturalmente - que vai delineando e dando sentido aos corpos. A noção de **sexo**, entendido como uma propriedade biológica apartada de qualquer construção social, acaba por se configurar como um discurso biomédico específico

da cultura ocidental. Moore aponta, assim, para a relevância de se considerar a diferença sexual biológica binária, dividida e mutuamente exclusiva entre macho e fêmea, não como categorias subjacentes ao gênero (ainda que a determinem), mas também como uma construção social. A categorização binária é também efeito de um discurso e, por isso, histórica e culturalmente específica. Não é possível definir a mulher e o homem, pois existem homens e mulheres modulados por contextos sociais distintos.

Tal compreensão, ao historicizar os termos das diferenças sexuais, abre campo para o potencial analítico do conceito de **gênero**. Ao indicar não apenas as categorias sociais impostas sobre corpos sexuados, mas também a imposição da diferença, a historicização do conceito de gênero busca dar significado às relações de poder, em que as subjetividades adquirem sentido nas interações sociais. O gênero, como categoria de análise, deve levar em conta o contexto intersubjetivo. Dito de outro modo, o conceito de gênero, como categoria de análise, permite deslindar o caráter relacional e a construção histórico-cultural na estruturação de subjetividades sexuadas, entendendo masculinidade e feminilidade como processos relacionais dinâmicos em constante reconstrução.

A sexualidade se insere em um cenário cultural que comporta desde aspectos intersubjetivos como origem, classe social, história familiar, inserção em comunidades, até aspectos intrassubjetivos como fantasias e ciclo de vida (PAIVA, 1999). Para Paiva (1999) o sentido e o significado das experiências devem abarcar estas variáveis relacionais para a compreensão dos comportamentos. A cada cena sexual, cada sujeito sexual irá atribuir sentidos e significados distintos para a sua prática, segundo a modulação das variáveis apontadas.

A teoria psicanalítica, por sua vez, ao ter como ponto de partida o conceito de realidade psíquica, promove o deslocamento de um ser naturalizado para um ser do desejo, motor de toda atividade humana. Já no texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) Freud irá definir a sexualidade humana como radicalmente distinta da sexualidade de outros seres vivos. Isso porque, no campo da sexualidade humana, não há um objeto pré-determinado para que a satisfação seja alcançada, marcando a diferença de seu

funcionamento, no que concerne à sexualidade, com relação a outros seres vivos, uma vez que esses obedecem ao instinto e possuem um objeto pré-determinado que promova a sua satisfação. É assim que, do ponto de vista psicanalítico, a escolha de um objeto no campo da sexualidade humana não está atrelada ao instinto, mas inserida no processo histórico singular de cada sujeito. Esse objeto de escolha humana não deve ser confundido com o objeto da necessidade, uma vez que se trata de um objeto construído ao longo de uma trajetória subjetiva.

Contudo, vale ressaltar que a maioria das teorizações sobre gênero tem centrado suas forças em denunciar a imposição da diferença binária macho/fêmea, denunciando sistematicamente as relações de poder que estão subjacentes a essa imposição, e a consequente desigualdade nela presente. É inegável que, do ponto de vista de denúncias de desigualdades que atravessam séculos de opressão tanto da mulher como de sujeitos que fazem sua escolha fora do campo da chamada heteronormatividade, o conceito tem sido fundamental para a promoção de mudanças políticas de extrema importância. Mas aqui já se equaciona uma primeira interrogação: Em psicanálise trata-se de desigualdade ou diferença?

A PRIMAZIA DO FALO

Também para Freud a diferença sexual não pode ser reduzida ao dado biológico. Contudo, ela tampouco pode se sustentar em categorias que postulam que suas manifestações estão inteiramente assentadas em práticas sociais. Então, se as sexualidades não são categorias inatas ou produções históricas, o que produz a diferença sexual? Para Freud o significado atribuído à diferença anatômica dos órgãos genitais é interpretado em termos de ausência/presença: do ponto de vista perceptivo há um órgão que se dá a ver, e outro que não se dá a ver.

Em função disso, a psicanálise irá se ocupar das consequências que vão se produzir em um sujeito falante quando se dá conta de uma diferença que está no corpo. Para entender melhor esse ponto, recuperemos brevemente dois trabalhos de Freud sobre o tema: um de 1923, *A organização genital infantil*; o outro de 1925, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica*

entre os sexos. Essa breve revisão também trará subsídios para esclarecer, a partir das formulações freudianas, algumas questões que sustentam a teoria da sexualidade em Lacan. E, mais ainda, revisar esses textos ajuda a extrair as consequências da afirmação freudiana de que não existem dois sexos no ponto de partida da sexualidade, existe apenas um único significante que pode representá-lo, o significante fálico.

De fato, a primazia do falo é a descoberta fundamental formalizada no texto de 1923: uma novidade que vai promover um corte radical na compreensão da sexualidade humana, pois ao invés da primazia da genitalidade, a psicanálise sustenta a primazia do falo. É isso que a experiência clínica com a neurose vai confirmando para Freud: não há dois sexos no inconsciente. Ou seja, para a espécie humana não há repartição dada desde o início que irá colocar de um lado o homem e de outro lado a mulher.

[...] a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (FREUD, 1923/1980, p. 180)

Pois bem, se em seus três ensaios Freud separa a pulsão de um objeto passível de lhe ser natural, em 1923 ele dá mais uma volta no parafuso: se o organismo humano é sexuado, isso não significa que o sexo anatômico seja o ponto de partida inequívoco que separa homens e mulheres em categorias distintas. Nas formulações freudianas do inconsciente para ambos existe apenas o falo.

Serge André (1988, p.172) indica que com o termo ‘falo’ Freud “introduz uma nuance: se o falo tem relação íntima com o órgão masculino, é na medida em que designa o pênis enquanto faltoso, ou suscetível de vir a faltar”. Ou seja, o que ganha destaque é a eterna presença da falta, seja como ameaça ou como fato consumado. Com efeito, Freud sustenta que aquilo que organiza a sexualidade não é o órgão genital masculino, mas sim sua representação psíquica imaginária e simbólica sustentada por uma região anatômica.

Nesse ponto é a análise de Hans que lhe indica o caminho: é com ele que Freud constata que não basta ver e saber que o pênis está preso ao corpo para garantir que ele pertença a esse corpo. A análise de Hans revela que esse sentimento de possuir um pênis não se estabelece no campo do olhar e da imagem, não basta ver e saber que o pênis continua preso ao corpo de um menino para que ele tenha a sua posse assegurada. O que abre a via possível para pensar que apenas em outro lugar, em um campo distinto, em um registro de outra ordem que não a anatômica, é possível para o sujeito fixar sua posição.

Freud se preocupou em argumentar sobre a dificuldade que é pensar a diferença anatômica dos sexos, e isso em um sujeito em cujo psiquismo não é o primado da genitalidade o operador dessa diferença, mas sim o primado fálico. Daí a sua proposta, em 1925, de discutir isso em termos de suas consequências, ou seja, quais são as consequências no psiquismo da percepção de uma diferença, título que dá a seu trabalho do mesmo ano. E isso tendo em conta que a criança irá dar tratos à bola para saber por que, afinal de contas, as coisas se apresentam assim: uns têm, outros não. E Freud aponta diferenças importantes nas respostas dadas por meninos e meninas.

Se, em um primeiro momento, o menino não dá importância ao que vê (ou melhor, não vê) na menina, em um momento posterior essa percepção ter/não ter se torna motivo de angústia.

Somente mais tarde, quando uma ameaça de castração tiver importância para ele, sua observação ganha plenamente uma significação: se ele a rememora ou se ela a repete, ele se torna presa de uma terrível tempestade emocional e se põe a crer na realidade de uma ameaça da qual ele ria até então. (FREUD, 1925/1980, p. 281)

Já a menina “[...] imediatamente faz um julgamento. Ela o viu, ela sabe que não o tem, e quer tê-lo” (*Idem*, p.283).

Então, podemos dizer que desde o início é o falo que opera o regime de trocas entre meninos e meninas. O primado do falo, fundamento central da doutrina freudiana, é o que vai oferecer a possibilidade para se pensar o que se passa com o sujeito quando ele é confrontado com a diferença anatômica:

aquilo que se dá a ver e aquilo que não se dá a ver, presença e ausência que marcam uma diferença, sendo que o falo é o marcador dessa diferença. Ambos não se sentem completos, nenhum dos dois pode ter ou ser todo.

Fink (1995) aponta para o fato de que a falta, dependendo de circunstâncias históricas particulares e de emblemas fornecidos pela cultura, pode estar ou não associada aos órgãos genitais. Considera tais particularidades como sendo de ordem contingencial, se comparadas com a estrutura falta/perda em si mesma, quando afirma que:

Quaisquer que sejam as razões propostas para o status de facto do falo – e todas essas razões são antropológicas ou imaginárias por natureza, não estruturais –, o fato é que, em nossa cultura, o falo em geral desempenha o papel de significante do desejo. (FINK, 1995, p. 129)

Dessa maneira será, então, em torno do falo – como algo que carrega em si a possibilidade de perdê-lo, ou a vontade de possuí-lo – que Freud irá tematizar a sexualidade humana, e o Complexo de Édipo e a castração são as modalidades explicativas que oferecem as balizas necessárias para compreender como um sujeito transita nas posições subjetivas, masculina ou feminina.

A descoberta do inconsciente nos diz algo bem distinto do que até então a anatomia pregava: não se trata de estabelecer diferenças visíveis nos corpos, pois isso não é capaz de apreender o sentido e o significado que definem a masculinidade e a feminilidade. A questão do sexo, para o psicanalista, deve ser respondida nos termos de um processo que só existe e que só se desdobra no psiquismo. Se não nascemos homem ou mulher, cada sujeito vai ter que procurar articular em seu discurso um ou outro sexo. E isso não se dá em uma sucessão de etapas de desenvolvimento emocional ou maturacional, mas sim na complexidade de uma lógica de um vir a ser, que Lacan procura formalizar através de suas fórmulas da sexuação.

A RETOMADA LACANIANA

Lacan retoma as formulações freudianas de 1923 e 1925 em seu trabalho *A significação do falo* (1998/1958), fundamentando no texto a noção de falo como

significante. Considera que “querelas” de diversas correntes da psicanálise obscureceram as discussões em torno da questão da primazia fálica como ponto-chave para a estruturação sexual tanto do homem como da mulher. Sua argumentação, bastante enfática, ao longo de todo o texto sustenta que a relação do sujeito com o falo desconsidera por completo a diferença anatômica entre os sexos, e que opera em termos de presença/ausência.

O falo é aqui esclarecido em sua função na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto parcial (interno, bom, mau, etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. É menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (LACAN, 1998/1958, p. 696)

É assim que o texto recupera o fato de que o falo tem uma função constitutiva para o sujeito, pois é ele que o introduz em sua existência e em sua posição sexual. E isso só ganha sentido quando o falo adquire o valor de um significante indispensável: é ele que demarca o desejo do sujeito, quer seja ele homem ou mulher, pois “[...] falo é o significante privilegiado dessa marca, onde parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (LACAN, 1998/1958, p. 692).

O que está em jogo nessa recuperação da questão da primazia fálica, sustentada por Freud, é afirmar o falo como um significante privilegiado, que une sexualidade e linguagem, extraindo as consequências do texto freudiano de 1925: é como significante que o falo aparece como pura diferença. Dito de outra maneira, quando Freud sustenta que não se trata da percepção da existência de dois sexos, mas do desenrolar de um percurso marcado por presença/ausência, é justamente a função significante do falo que está em pauta.

O SEXO NA LINGUAGEM

E é a partir das diferenças anatômicas em termos de suas consequências no psiquismo, que Lacan vai definir a posição sexuada como a obtenção de um lugar no social: um processo inconsciente mediante o qual é possível eleger um modo de ser, promovendo uma passagem que vai da anatomia como

destino para a constituição do sujeito na linguagem.

Todo o ser humano está submetido à castração, e o falo marca essa diferença, como vimos insistindo. E isso em absoluto supõe que o jogo da sexualidade obedece a regras complementares, como qualidades contrapostas, tal como aparece no best-seller *Os homens são de Marte, as mulheres são de Vênus*. Não se trata de que a mulher perdeu algo que o homem não deve perder. As posições sexuadas são posições de discurso, nas quais macho e fêmea, por habitarem a linguagem, se identificam independentemente do sexo que a biologia define.

De fato, a lógica das fórmulas da sexuação revela a produção de dois conjuntos falantes, e que não estabelecem entre si uma relação complementar. Que fique claro: para a psicanálise o sujeito não é substancial, e a diferença sexual não o descreve em termos de uma identidade (macho/fêmea; ativo/passivo ou qualquer outro predicado). Não se trata de predicados, mas sim de posições lógicas no discurso: logicamente todo, e logicamente não todo. Ou, melhor dizendo: a posição masculina é produzir-se dentro de um universal, e a feminina não, dado que o que define a posição feminina é resistir à universalização. Fica evidente que, em termos psicanalíticos, é impossível postular a existência de qualquer realidade pré-discursiva. E Lacan é bastante claro nesse ponto, afirmando que: “[...] o ser é um efeito do dizer; é um fato de dito. O discurso faz ser, faz o mundo” (LACAN, 1972-73, p. 118).

De fato, essas reflexões indicam o quanto a psicanálise está distante do sexo definido pela biologia, bem como distante de considerar o sexo como o amor erótico de um homem por uma mulher, de um homem por um homem, de uma mulher por uma mulher etc., etc. Isso diferencia a abordagem da sexualidade tanto do sentido fisiológico como do sentido psicológico da palavra, pois nas relações entre os sexos é de identificações que estamos falando, e das condutas imaginárias das quais essas identificações são correlatas. A declaração de Othelo, na peça de Shakespeare, sobre o amor de Desdêmona é exemplar: *Ela me amava pelos perigos que eu havia atravessado; e eu a amava porque ela sentia compaixão por isso*.

A decorrência disso é que, para a psicanálise, a diferença é a consequência do fato de sermos todos falantes: todo o humano está submetido à

castração pela linguagem e pela palavra, e o falo é aquilo que vem simbolizar essa limitação. Até o momento, na configuração do nosso *socius*, é o pai quem vem ocupando o lugar de um terceiro termo que deve romper um estado a-social. De fato, esse terceiro termo sempre terá que ser representado por algo ou por alguém, pois mais do que de uma pessoa sexuada, trata-se de uma posição simbólica particular.

Para a psicanálise não se trata de um descompasso entre sexo e sentido, mas sim de uma incompletude que é inerente à linguagem. E é justamente por essa razão que o sexo é imprevisível. Para a psicanálise o sexo não é algo cujo sentido é imposto, carrega um equívoco, e é historicamente construído: enquanto as teorizações sobre gênero exigem uma abordagem com vistas a uma análise histórica – e nesse ponto, sem dúvida, mostram sua potência política –, a diferença lógica sexual não exige. É importante marcar, então, que são dois campos distintos, uma vez que a psicanálise se ocupa da constituição lógica do sujeito no discurso. Como bem diz o psicanalista Ricardo Goldemberg: “Diga-me como falas, com que lógica, e eu te direi que sexo tens.” (Texto disponível na Internet)

Resumo da ópera: a psicanálise, em seu ofício, não considera oposições biologia-história, natureza-cultura, essencialismo-historicismo. Em suma, o corpo não é nem natural, nem uma construção histórico-cultural. A construção histórica cultural não é negada pela psicanálise, não habitamos um hiato no tempo. Contudo, devemos interrogar se gênero é efetivamente uma categoria que opera quando se tem em conta que, em uma análise, trabalhamos com a lógica discursiva.

Does the concept of gender operate in psychoanalysis?

ABSTRACT: *This article discusses the use of the concept of gender in psychoanalysis: can this concept be properly applied in this field, or not? The article starts with a brief overview about the concept of gender, emphasizing important political changes it promotes in the social tissue, and then discusses the way Freud deals with the question of the difference between the sexes. Finally, the article*

seeks to point out how Lacan, starting from Freud's texts, proceeds to a radical subversion by considering the sexes in their discursive positions.

KEYWORDS: *Gender; Psychoanalysis; Sexuality; Phallus.*

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, v. 10.
- (1923) A organização genital infantil, v. 19.
- (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, v. 19.
- GOLDEMBERG, R. *O homem genérico: O repetido mal-entendido entre as teorias de gênero e psicanálise*. Recuperado em 02 de abril de 2017. Disponível em: <http://ricardogoldemberg.com.br>
- GREGORI, M. F. *Cenas e queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- HOBSBAWN, E. *A era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LACAN, J. (1958) A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1972-73) *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MOORE, H. (1997) Compreendendo sexo e gênero. In: GOLD, T (Ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830. (Tradução de Júlio Simões, exclusivamente para uso didático.)
- PAIVA, V. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: BARBOSA, R., & PARKER, R. (Orgs.). *Sexualidades pelo avesso*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 248-289.
- RUBIN, G. The traffic in women: Notes on the political economy of sex. In:

Towards an anthropology of women. Nova York: Rayna R. Reiter Ed, 1975.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000, p. 35-82.

Marta Quaglia Cerruti

Rua Nazaré Paulista, 309
Telefone: (11) 3873-3967
Email: marta.cerruti@terra.com.br